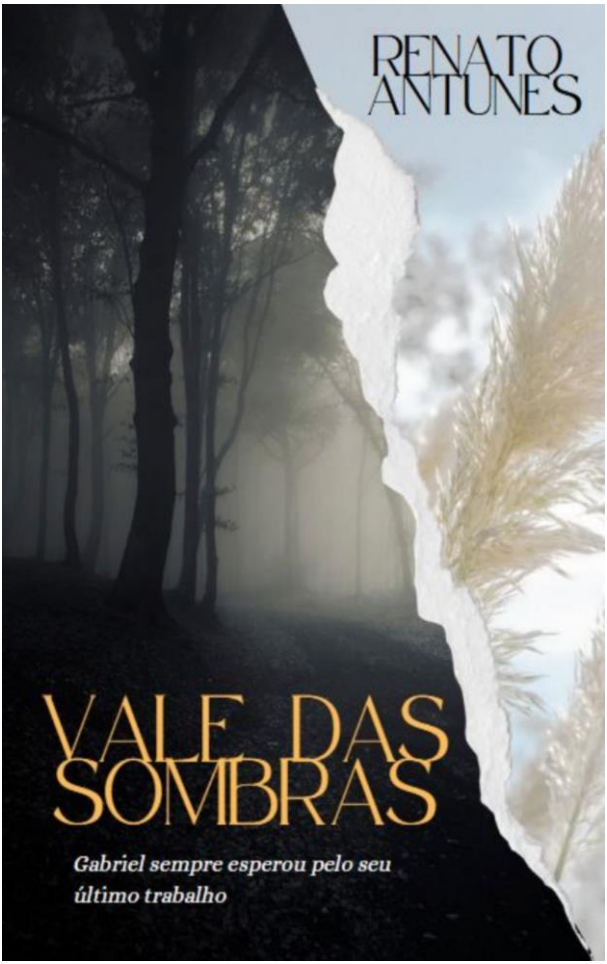


# Vale das Sombras

Renato Antunes

**Trilha dos Sonhos:**
**Vale das Sombras**

©
**Todos os direitos adquiridos**

O conteúdo desta obra, inclusive revisão ortográfica, é de responsabilidade exclusiva do autor.

*Especialmente nesta época de quarentena ao vírus, agradeço por minha esposa.*

Parte 1

# VALE DAS SOMBRAS

Foi uma viagem longa. Mais de três horas de um avião e mais duas horas de ônibus intermunicipal até uma parada solitária no meio do nada, solicitada por Ágata. Durante a parte final da viagem, Gabriel lamentou a escuridão quase totalmente negra do cenário. Pelo pouco que viu, a estrada era soturna, mas bonita ao mesmo tempo, fechada entre grandes árvores que pareciam querer abraçar a rodovia. Quando o ônibus encosta na parada coberta e isolada, Ágata desce em meio à névoa com sua mochila e aguarda o desembarque de Gabriel. É outono. Está frio. O sol começa a nascer. Ele a segue, depois os dois de mãos dadas, andam por uma curta trilha coberta de folhas secas. Eles chegam a uma casa quase perdida entre as árvores. Assim que vê a grande casa em forma retangular com seu teto em forma de "V" invertido, Gabriel entende porque Ágata chama aquele lugar de "refúgio": ela é camuflada, coberta por pequenas folhas verdes sustentadas por trepadeiras em suas paredes em meio à mata repleta de árvores, sem flores. A névoa que nascia no lago frio ao lado da casa parece ajudar a dar aquele "ar" de solidão à residência.

- É aqui, Gabriel. É para aqui que venho de duas a três vezes ao ano.

Ágata puxa a mão dele em direção à casa:
- Venha, vamos entrar...
Assim que ele entra vê um chão de tábuas corridas ao lado das paredes de cor clara. A casa tem um perfume natural, discreto. Ele sentiu uma leve brisa pela casa e viu uma das cortinas balançando. Móveis antigos e rústicos. Um grande relógio de cordas que não funciona, com seu pêndulo parado. Tem um quadro com alguém sozinho, caminhando por uma estrada escura e cercada de árvores, ao lado dele outro quadro sem imagens onde estava escrito:
*"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.*
*Clarice Lispector"*
Gabriel se lembrou do que pensou, com carinho, no dia em que conheceu Ágata:
*"Eu só fiquei feliz por te ver de novo."*
Prateleiras, taças de vidro e louças com desenhos como pinturas... Ele sorri quando vê uma vitrola antiga. Ao lado dela uma pilha grande de discos de vinil. Ele não percebe quando ela chega por trás; Ágata estava de roupão. Agora estão abraçados.
- Você está comigo, Gabriel. Nós dois aqui sozinhos.
- Não imaginava nada como isto.
- O que esperava?

- No Rio Grande do Sul? Uma casa em um campo aberto... Churrasqueiras, chimarrão. Quem sabe alguns cavalos... Você me surpreendeu.
- Vamos ver se um cidadão urbano de Brasília, como você, consegue se adaptar e ficar poucos dias afastado da música barulhenta das buzinas e das sirenes.
- Por falar em música...
Gabriel aponta para a vitrola e continua:
- Meu pai tinha uma vitrola igual a esta. Um clássico, Ágata.
- Esta era de meu pai também, Gabriel.
Ela o leva até o rack da vitrola. Gabriel observa a pilha de antigos discos de vinil.
- O melhor da Bossa Nova. MPB 4 e os clássicos do bolero... Seu pai tinha bom gosto, Ágata.
- Tem de tudo nesta pilha, mas eu gosto dos clássicos, Gabriel.
- Eu não tenho ouvidos para música clássica.
- Eu tenho. Acho que devo isto a uma antiga colega de colégio no ensino médio. O nome dela era Andressa Belazel. Ela costumava dar recitais de pianos para os alunos com músicas de Bach, Mozart, Wagner. Aprendi a gostar de clássicos com ela. Especialmente deste.
Ágata puxa o disco de vinil azul marinho com bordas douradas da pilha de discos e diz:
- Debussy.
Ela aponta para a faixa 1- "*Clair de Lune*" na parte de trás da capa do disco e fica em

silêncio por alguns segundos, então diz concentrada em seus pensamentos:
- Clair de Lune. Uma música linda, terna e triste como pais que assistem a último suspiro de seus flhos, a morte mais dolorida de todas.
Ela coloca o disco de Debussy de volta ao seu lugar e dá um sorriso aberto a ele.
- Agora não é hora de lembranças tristes...
Ágata aponta para uma porta ao lado direito da lareira:
- Por que não vai ao terraço no fundo da casa para apreciar o resto do nascer do sol? Eu vou fazer um café para nós dois.
Gabriel logo descobriu que a verdadeira entrada da casa fica em sua parte de trás. Em frente ao terraço, tem um grande jardim. Do lado esquerdo, o lago. Do lado direito, a Serra das Oliveiras. Ele olha para o jardim diante dele. A grama é verde, cercada e cortada por muros vivos, sem as cores das flores. Tem uma grande árvore nua e o chão coberto de folhas secas. Uma trilha de pedra no meio do jardim leva a outra trilha que vai bosque adentro. O frio não se entrega. Acabando de nascer atrás da colina, o sol estava coberto por nuvens. Ainda havia névoa. (Tudo tão diferente de Brasília), ele pensa.
Agora Ágata está de volta. Olha com os olhos satisfeitos para o homem ao seu lado. Ela se sente à vontade com ele ali em seu "lugar especial". Ágata aprecia o homem grande, de olhos castanhos apontados para frente e

cabelos rebeldes. (Tão novo, mas com rugas na testa), ela pensa. Ela está com as duas canecas de café em suas mãos:
- Dizem que meu café é horrível, Gabriel. É claro que eu acho isso uma bobagem. É só seguir a receita...
- Nós, da polícia federal, somos especialistas em café.
Gabriel falava com um ar propositadamente professoral, mas divertido ao mesmo tempo:
- Consumimos litros por dia deste líquido para continuarmos acordados por longas horas em nossas investigações. Vamos ver que nota eu dou para o seu café.
Ela entregou um caneco a ele. Os dois provaram juntos.
- Então, Gabriel.... De zero a dez. Qual nota?
Ele degusta o café.
- Eu vou até a cozinha preparar um café e já volto.
Ela deu uma gargalhada curta e forte.
- Que barbaridade, Gabriel! Não está tão ruim assim...
Ele se levanta com um aspecto divertido no rosto e pisca o olho direito para ela.
-Já volto. Só o melhor para Ágata Lorenze.
Logo ele chega com um bule de café e dois copos de vidro e se senta ao lado dela. Os dois se servem do café, ela descansa suas penas no colo dele.
- Gostou da vista?

Ele aponta seus olhos para a paisagem à sua frente.
- Lagos, bosques, montanhas... Como conseguiu achar um local assim?
- Não achei. Em minha infância, eu morei em uma pequena cidade aqui perto. Na verdade, isto aqui pertenceu à minha mãe.
- Aquela senhora do casal no porta-retrato em cima da sua mesa de trabalho em Brasília?
- Eles mesmos. Você deve ter estranhado quando viu a foto.
- Como assim?
- Meus pais são descendentes de alemães, bem clarinhos, eu sou bem moreninha, quase igual a você. Sou filha adotiva.
Ela se serve de mais café:
- Nunca soube nada sobre meus pais naturais. Mas a vida tinha uma bela surpresa para mim. Pais de verdade. Os que cuidam da gente com carinho.
Gabriel resolveu mudar de assunto:
-Eu não acreditei...
Ela tem um sorriso curioso.
- Como assim?
- Quando vi você naquele boteco em Brasília, tomando seu café pela manhã. Nunca tinha visto nada mais lindo.
Ela fica feliz com o elogio dele, ele continua:
- Eu ia cedo até lá só para ver você de longe, Ágata. Um dia, para minha tristeza você sumiu.

Ele repara que Ágata volta a ter um sorriso aberto.
- Eu me lembro. Passei a fazer o meu próprio café, Gabriel. Acho que você tem razão. O café deve ser ruim mesmo. Depois de um mês, eu voltei para o bar. Queria um café de verdade, Bendito café ruim.
Os dois se colam, se protegendo do frio:
- Quando eu te vi lá, jurei para mim mesmo que você não me escapava mais.
- Eu fiquei surpresa quando o homem me disse que minha conta já estava paga, Gabrel.
- Eu vi o dono do bar me apontando ao seu lado. Você veio em minha direção...
- Eu agradeci e perguntei se nós já nos conhecíamos. Você disse: *Pela conta paga? Não. Só estou feliz por sua volta ao bar.*
Ela suspirou:
- Naquela manhã você me rendeu, Senhor Policial.
Eles terminam o café. No terraço, os dois estão em silêncio. Ele olha para ela. Acaricia seus cabelos com ternura.
- Está na hora de você me mostrar a parte de cima da casa, Ágata.

***

## Capítulo 2

O som ambiente no quarto toca a músiva "Amada Amante "de Roberto Carlos. Bárbara Belazel observa a bandeja do café da manhã do hotel em cima do cômodo com espelho. A esposa de Ivan Belazel, um influente congressista em Brasília, está acostumada a hotéis cinco estrelas, mas ela considera o quarto do hotel aceitável. E mais importante, o hotel é isolado e relativamente distante da cidade de Vale das Sombras. Bárbara está sentada em uma cama de casal com seu amante deitado ao lado dela. Ela continua seu desabafo:

- Em um relacionamento amoroso, brigas de casais são normais. Pessoas tendem a descontar as frustrações de seu dia a dia no seu companheiro. Depois, de um jeito ou de outro, tudo se acomoda ou termina em uma separação normalmente "amigável".

O homem ao lado dela já sabia o que ia ouvir. Ele olha para sua amante. A bela Bárbara tem seus olhos verdes cor de jade, cabelos negros compridos e uma franja perfeita caindo em sua testa. A esposa de Ivan Belazel continua:

- Sim, amigável porque os dois conseguem enxergar seus próprios erros. Mas com Ivan Belazel não é assim. Ele sempre está certo. Não desiste enquanto eu não aceito a sua única verdade. Ele sempre diz: "*Bárbara, você*

*precisa se colocar em seu lugar e deixar de ser teimosa ou eu mesmo vou fazer isto".*
Ela continua:
- Se Ivan Belazel não se convence que eu aceitei meu erro, bom, aquele versículo da Bíblia não é para ele.
- Qual?
Ele sorri enquanto ela recita o versículo com um aspecto formal:
- *"Não se ponha o sol sobre a vossa ira"*
Ela continua:
- No dia seguinte é um inferno. Ele decreta sua impiedosa punição. É sempre algo como: *"Já que você insiste em seu erro, pode desistir daquela recepção ao presidente francês em Brasília. Nada de desfilar seu belo rosto."*
Ela suspira e continua:
- Às vezes, o motivo é banal como estacionar meu carro na vaga dele em nossa enorme garagem vazia. Naquele dia, eu não desisti fácil. Argumentei que tinha espaço de sobra para os dois carros, dei as costas para ele e deixei o carro lá. No dia seguinte, quando acordei para visitar uma amiga, os quatros pneus do meu carro estavam furados.
O amante fica calado ao lado dela, apenas escuta:
- Sabe o que ele me falou com um sorriso cínico em seu rosto? *"Às vezes políticos como eu fazem inimigos. Alguém deve ter achado que este carro era meu. Se ele estivesse na vaga certa..."*
Finalmente o homem fala:

- Ele já tentou de agredir fisicamente?
- Não. De qualquer maneira, isto ele não se atreveria. No mínimo, eu acabo com a carreira de político dele.
Ela se olha no espelho e continua:
- Quando o conheci era tudo tão diferente. Era o homem que eu esperava. Aquele em que a gente diz: "*Aquele estranho agora é mais importante do que toda a minha parentela.* "
Ela para de falar. Bárbara coloca um roupão e vai até o terraço do hotel em Monte Claro, uma pequena cidade turística da serra gaúcha. Olha desinteressada para a paisagem luminosa e colorida entre as montanhas. O homem se aproxima dela. A abraça carinhosamente.
- Por que não se separa logo dele?
Ela pensa em seu marido. Um homem que sabe ser agradável quando quer. Sedutor quando precisa. Solta as patas quando quer ser grosso. Terrível em uma batalha.
- Antes eu tenho que me preparar para a guerra que vem com o processo de separação, amor. Vai ser um verdadeiro inferno.

Capítulo 3

NICOLAI BELAZEL

No refúgio de Ágata. Deitado ali na cama junto a ela. Em silêncio. Gabriel a escuta com um interesse genuíno.
- Apenas mais uma cidade pequena, cercada pelas montanhas e por um lago côncavo que abraça todo o distrito, uma praça principal, uma avenida principal, um bosque... Sempre muita chuva ou névoa como toda cidade serrana. Um hospital importante que serve de referência para todo o estado e deu certa substância à cidade. Mas tem algo único nela.
- O que seria?
- O nome dela: "Vale das Sombras"
- Vale das Sombras...
O rosto de Gabriel agora tinha um leve sorriso:
- Já andei pelo Brasil todo e nunca vi nada igual. Por que o nome?
- A cidade começou com um pequeno povoado dentro de um vale - Ágata aponta para a Serra das Oliveiras - Ela era cercada por oliveiras, árvores com copas grandes, com sombras para descanso sonolento de viajantes, exatamente como aquela árvore ali no jardim, agora sem folhas. Daí o nome: "Vale das Sombras", assim como a serra se chama "Serra das Oliveiras". Já o nome do lago é "Água Branca". Isto porque a sua água

gelada condensa a umidade das nuvens presas pela serra e o lago se cobre de névoas.
Deitada, com o rosto descansando no peito de Gabriel, Ágata se volta para a janela do quarto e continua:
- No inverno, a temperatura cai muito. A névoa é densa como fumaça branca. Quando a geada chega, toda a paisagem fica embranquecida como se estivesse coberta de algodão. Um "frio de renguear Cusco", como dizem os gaúchos.
Ela suspirou.
- Mas nossa pequena cidade não merece este nome.
-E por quê?
- A Serra Gaúcha é conhecida por cidades como Gramado, Canela, Flores da Cunha... Com paisagens coloridas pelas flores, pinheiros e quedas d'água cercadas por montanhas luminosas. Já, aqui, o turismo não prosperou. A paisagem parece uma foto em preto e branco. Aqui chove sempre ou está coberto pela névoa. - ela suspira - A Serra Gaúcha tem seu "lado escuro".
Ela levanta o seu rosto e sorri divertida para Gabriel:
- Mas eu adoro o meu lugar escondido!
- Eu também! E olha que é a primeira vez que venho a este lugar!
Ela continua divertida, olhando para ele.
- Eu tenho um lema para a cidade de Vale das Sombras: primeiro, você não gosta, depois se

acostuma a ela. Então quando percebe, não pode viver sem ela.
Os dois se apertam na cama, fugindo do frio.
- De onde você é Gabriel? Eu digo: qual cidade de Minas?
-Eu nasci em uma cidade que só tem duas placas: uma é "Bem-Vindo" e outra é "Volte sempre à cidade de Céu Azul."
Ágata acaricia os cabelos castanhos e rebeldes de Gabriel e diz:
- Gabriel, o anjo mais poderoso de todos, veio de Céu Azul e agora está comigo aqui, na cidade de Vale das Sombras.
Ele pensa e se lembra da paisagem atrás da casa. O jardim sem flores parecia abandonado, coberto por folhas secas se misturando a uma branda neblina. Era óbvio que ninguém frequentava o lugar na ausência de Ágata.
- Um lugar assim, silencioso. Entendo porque o chama de refúgio, Ágata. É bom estar aqui, ao seu lado.
Ela fica feliz: parece que ele gostou da casa. Ágata não tinha certeza se aquele policial federal, acostumado ao ritmo urbano de Brasília, ia se sentir bem em um local tão afastado. Ágata se recorda quando logo ela se entregou a um homem como nunca fez antes, em Brasília:
*"Gabriel, hoje você pode me levar para onde quiser. Eu já sei que estou em boas mãos. Mas no próximo*

*feriado, você vai comigo para onde eu quiser. Só nós dois."*
- Geralmente eu venho aqui sozinha, me isolo. Como já disse, um refúgio perfeito, escondido de tudo. Aqui eu leio meus livros, cuido do jardim maltratado pelo abandono... Ando pelas trilhas.
- Você foi criada nesta cidade. Algum conhecido da infância por aí?
Ela agora não tem mais um sorriso em seu rosto, mas uma surpreendente e súbita expressão melancólica. Os olhos dela se perdem. Ela não responde a ele quando volta a si. Depois Ágata pensa ao lado de Gabriel: javali é uma boa ideia. Um prato típico. A noite tem que ser especial. A primeira noite com ele na cidade onde nasceu. Ela descansa seu rosto no peito dele.
- Gabriel, já é fim de tarde e nós não jantamos ainda. Você ainda tem que cortar a lenha para o fogão.
Ele olha para ela, mudo, sem palavras. Ela dá uma risada curta.
- Nada disto. Não vou mais correr riscos depois do que você falou sobre o meu café. A noite está chegando. Eu vou levar você para jantar em um lugar especial.
- Eu cheguei a me perguntar se era verdade.
- O quê, Gabriel?
- Se era verdade que eu teria de cortar lenha.
Ela deu uma risada forte e curta:

- Esta foi pelo “elogio” ao meu café. Mas não fique triste. Esta noite eu dou o troco. Quero levar você a um restaurante típico de beira de estrada aqui perto para jantar. Acho que você vai gostar.
Ele tem um sorriso divertido para ela:
- Uai, Ágata.Tem certeza que aquele “trem velho” na garagem leva a gente até lá?
Ela fala a ele puxando o sotaque gaúcho:
- O fusca é velho, mas “arrochado”, guri!
- Ótimo, não quero perder o churrasco.
Ela riu...
- É carne, mas não é de boi... (Eu quero dar uma noite inesquecível para você, Gabriel... Sua primeira noite em nosso refúgio), ela pensa feliz.

***

O local era simples. Se chamava "Cantina de Beira de Estrada”. Na mesa do restaurante típico, Gabriel olha curioso para Ágata. Eles reparam em um casal que chegou ao restaurante num concentrado bate-boca sem se importar com os frequentadores. Agora ele se concentra no cardápio.
- Javali?
- Este é especial, Gabriel. É um javali no braseiro. Especialidade da casa.
Ele sorriu.
- O que foi, Gabriel?

- Um javali no braseiro. Sinto-me como o Asterix e Obelix naquelas revistas em quadrinho.
Ágata sabia que o lugar era perfeito para um jantar romântico. O restaurante não era grande, mas quase íntimo. O chão era forrado de tábuas corridas muito bem envernizadas. As mesas para duas ou quatro pessoas eram grandes, rústicas, com uma toalha de mesa com um xadrez colorido e tinham um pequeno cesto com objetos com temas gaúchos. No centro das mesas tem um bule de água quente e uma cunha de chimarrão cheia de erva mate.
- Vamos dividir um chimarrão, Gabriel.
Ele sorri.
- Nada mais gaúcho do que isto.
Eles escolheram uma mesa junto à janela panorâmica que dava para a serra. Ela queria impressioná-lo. A noite tinha que ser inesquecível. A primeira noite dos dois em Vale das Sombras.
- Tem partes do javali que você tem que comer com as mãos, Gabriel.
Os dois conversaram à vontade, animados. Então ele repara, mais uma vez, que Ágata se perde em suas lembranças. Ele pega a mão dela carinhosamente:
- Por que às vezes eu sinto que você se perde em seus pensamentos, Ágata?
- Desculpe, Gabriel.

Ela segura a mão dele com mais firmeza e força:
- Não é nada com você. Eu me lembrei de um clube que era aqui perto quando cheguei a este restaurante. Uma lembrança que é um pano de fundo para uma tristeza minha.
Ela sorri para ele:
- Chega de memórias! Hoje eu quero uma noite especial.
Em um momento a conversa gira em torno de trabalho. Ele muda de uma expressão terna para outra expressão em que seus olhos parecem compenetrados:
- Tem algo estranho em relação ao meu trabalho. É algo bem bizarro mesmo, Ágata. Eu sei que tenho um último caso, o mais difícil e importante de minha carreira, me esperando. Depois dele o trabalho deixa de ser interessante e desafiador, acho que sou até capaz de abandonar o meu serviço e partir para outra atividade.
Ela ouviu atentamente, reparando na expressão compenetrada daquele homem grande de cabelos rebeldes e rosto forte. A conversa continua. Não falam mais de trabalho.
- Quando venho de Brasília, eu costumo vir a este restaurante. Janto solitária em meio aos casais. Não me importo. Eu sou uma das raras almas que a solidão não consegue constranger.

Ela agora mexe com as pontas dos dedos em seus cabelos.
- Seus cabelos ficam bem deste jeito. Mesmo sempre desarrumados...

***

O casal que entrou brigando no restaurante continua seu arranca-rabo, agora mais alto. Ágata olha em direção à mesa em que homem alinhado e a loira de academia estão jantando. O embate não dá trégua. Aquilo era desagradável. (Fazer o quê?), Ágata se pergunta e diz a Gabriel:
- Aquele casal discute desde que chegaram ao restaurante. Será que um dia nós teremos, como diz o gaúcho, "uma trova mais longa do que conversa de gago" como aquela?
- Quem sabe? Brigas de casais são normais. Mas nunca vamos ter uma durante uma refeição. Sabe por quê?
Ele pega um pedaço de seu javali e diz sorrindo a ela:
- Todo mundo sabe que mineiro é "come-quieto".
Ele se volta novamente para o prato, ela se alegra com o jeito em que ele come.
- Gabriel...
Ágata dá uma risada curta:
- Você praticamente está comendo todo o javali com as mãos.

- Meu Deus... Eu nem tinha reparado. Que falta de educação. Eu já volto.
- Aonde vai?
- Ao banheiro para lavar as mãos e depois sujá-las novamente sem culpa.
Assim que ele foi até o banheiro, o casal recém-chegado ao restaurante, agora quase lotado, chama novamente a atenção de Ágata. A loira bonita com corpo de academia parecia ter aumentado o tom de seu bate-boca com seu par e não se importava nem um pouco com o que os outros ali pensavam. Então o homem com ela, magro, alto, de cabelos castanhos claros encaracolados como os de um anjo e vestido com elegância, se levanta. Para a surpresa de Ágata, ele veio em direção a ela. Parou na frente dela.
- Boa noite.
Ele a cumprimentou e se sentou junto à mesa de Ágata sem cerimônia:
- Ela é minha namorada, mas hoje está insuportável. Meu nome é Nicolai. Nicolai Belazel. Você se importa se conversarmos um pouco até ela se acalmar?
Ela conhecia bem o tipo: o cara se acha o máximo pelas roupas caras que usa. (Graças a Deus, Gabriel não é assim), ela pensou. Ágata não se abalou com o atrevimento do homem, apenas queria dispensá-lo o mais rápido possível. Cada palavra trocada com o cara na mesa era como se fosse uma ofensa a Gabriel. Ela falou com calma, olhando para ele:

- Pode ir embora. Eu já estou muito bem acompanhada.
Ágata tinha uma expressão fechada em seu rosto quando continua:
-Ele só foi lavar as mãos e já volta.
Ele sorriu; era um sorriso forçado e infantil. Ela percebeu que o "idiota" queria fazer sua companheira sentir ciúmes à custa dela. (Mas que idiota! Não quero que Gabriel se chateie com um paspalhão deste numa noite tão especial), ela pensa. Ele insiste:
- Eu vi que você não está sozinha. Não se preocupe com isto, eu me viro com ele. Por favor, não fique achando que eu sou um homem grosseiro. Eu respeito uma mulher casada, principalmente quando ela está junto ao seu marido. Mas eu não vi nenhuma aliança no seu dedo.
Ele olha com olhos fixos nos olhos dela.
- Para ser sincero, eu acho que a conheço de algum lugar.
Agora Ágata o reconheceu, sabia quem era ele. Parece que não mudou nada.
- Como é seu nome, senhorita?
Ágata estava fria como o inverno na Serra Gaúcha quando o interrompeu:
- Mas tu és xarope, hein? E já disse que estou bem acompanhada. Vá embora.
Ele não perde a calma. Ajeita o cabelo e continua:
- Ora vamos! Me dê uma chance de conhecê-la melhor. Pode ser uma noite maravilhosa. Já

posso até imaginar você se levantando e saindo comigo, antes dele chegar, para a nossa noite mágica com um homem de verdade e...
Ela o interrompe novamente:
- Por que não vai procurar um playground por aí, onde possa brincar com as crianças e deixar os adultos jantar em paz.
Ela permanece com a expressão fria e de indiferença, olhando para os olhos dele enquanto fala alto para todo o restaurante ouvir:
- O restaurante deve ter uma área para crianças como você lá fora.
Agora Nicolai Belazel tem um sorriso estranho em seu rosto. Ágata fica assustada.
- Boa noite.
Gabriel chegou e agora estava ao lado da mesa.
- Posso ajudá-lo?
Nicolai troca o seu sorriso estranho por um de puro deboche. Examina as roupas de Gabriel. (O cara parece um caipira), ele pensa divertido.
- Ah! Aí está ele. Ele voltou.
Nicolai Belazel se levantou para cumprimentar Gabriel:
- Acho que não pode ajudar. O que quero dela infelizmente não tem como o senhor me dar.
O homem elegante se volta com um olhar confiante para Ágata.
- Última chance, minha valiosa.

Gabriel está com uma expressão indefinida no rosto, ele se vira para Ágata.
- Ele a está incomodando, amor?
- Muito, mas agora ele está começando a me assustar.
Nicolai tinha um sorriso de deboche quando falou com calma:
- Que bobagem. Eu só queria fazer um convite para uma noite mágica.
Toda a atenção do pequeno restaurante estava voltada para aquela mesa. Gabriel estava calmo, mas falou para todo o restaurante ouvir:
- Ela é uma mulher de classe: uma advogada. Mesmo que não estivesse acompanhada, ela jamais sairia com alguém como você. Por que não volta para sua mesa e para de dar uma de bobalhão na frente de todo o restaurante?
(bobalhão?), Nicolai Belazel mordeu os lábios, mas recuperou seu controle. Nicolai era grande, mas o homem à sua frente era maior e tinha um olhar gelado.
- Bobalhão?
Nicolai Belazel tinha um sorriso fino no rosto:
- É assim mesmo que me chamou?
- Isto mesmo. Agora vá embora. Eu não terminei meu jantar ainda.
Em meio ao clima tenso entre os dois, Vera, a loira que acompanhava Nicolai, se aproximou, mas manteve uma distância segura e disse:

- Tome cuidado, moço! Você está falando com Nicolai Belazel.
Ágata agora tinha certeza. Ela sabia quem era o idiota conhecido de sua juventude, na pequena cidade. O cara era mesmo um bobalhão. A namorada ainda é a mesma do seu tempo de escola. Ágata se dirige a ela muito irritada, sentada em sua cadeira:
- Faça um favor a seu namorado, senhora porta-voz de "zé ninguém".
Agora Ágata também fala para todo o restaurante ouvir:
- Pegue ele pela mão e vão se deitar. Cuidado para ele não fazer xixi na cama.
(Bobalhão...), furioso, Nicolai respira fundo. Mas obviamente ele está intimidado com a presença de Gabriel. Chama Vera. Ele vai embora com sua namorada e com seu sorriso fino como canivete em seu rosto. O restaurante inteiro olhava para a cena. Gabriel disse desanimado:
-É melhor irmos, Ágata.
- Eu pago a conta hoje, Gabriel.
Já fora do restaurante Gabriel tinha um ar aborrecido e triste ao mesmo tempo.
- Que pena. Uma noite tão especial...
Ela parou, ficou em silêncio por alguns segundos olhando para aquele homem.
- Você foi perfeito, ia ser muito constrangedor você dar uma surra nele.
- Pelo amor de Deus, Ágata. Eu sou um policial treinado para situações como esta.

Devia prendê-lo por assédio, mas isto ia estragar nossa noite de vez.
Ele suspirou.
- Bom, se você está bem Ágata, melhor assim. Mas eu não terminei o javali, uma pena. Era uma noite especial.
Ágata tem um sorriso alegre para ele.
- Não se sinta mal, Gabriel. O cara levou uma lição bem merecida.
Ela abraça a cintura dele e descansa seu rosto no peito dele e continua:
- Eu me senti segura ao seu lado, ao lado de meu homem. Verdade, uma pena pelo javali. Estragar nosso jantar? Pode ser, mas não estragou a noite.
A brisa leve fica mais forte. O vento começa a assobiar.
- Parece que vem chuva por aí, Ágata.
Ele envolve o rosto dela em um abraço delicado.
-Vamos para casa. A noite é uma criança, Gabriel. Garanto que amanhã pela manhã você nem vai se lembrar do idiota.

***

DONA SANTANA

Dona Santana é portuguesa, e sendo proprietária do restaurante sabe como ninguém que servir bem é tão importante quanto à qualidade da comida. Sempre espera

que seus frequentadores tenham uma noite agradável e inesquecível no local. Ela sempre diz ao seu garçom mais antigo, o velho Chico, que isso sim, era uma garantia de que eles voltariam à casa. Ela e sua equipe de garçons se esforçam ao máximo para dar uma experiência de primeira para seus fregueses. Mas nem tudo depende só deles. A senhora de cabelos brancos lamenta a noite daquele casal simpático por terminar daquele jeito. Ela se pergunta se um dia eles vão voltar ao restaurante. Aquele rapaz era um problema. (Não foi a primeira vez que ele arranjou confusão com um dos meus clientes). Dona Santana pensa em proibir a presença de Nicolai Belazel no estabelecimento, mas isto não seria prudente: afinal ele era um Belazel. A família é praticamente a dona de Vale das Sombras.

***

Na manhã seguinte, depois de subir uma trilha por cerca de meia hora e após o jardim de Ágata, eles chegam a um pequeno platô que dava vista para toda região de Vale das Sombras. O local tem muros e bancos de pedra, uma grande e única árvore, uma oliveira no meio de um tapete de grama verde bem tratada, como a de um jardim. Tem mais um casal lá. Um homem recostado na árvore, sentado abaixo de sua copa. Uma mulher em

pé, ao lado do homem, lê um livro. No cenário abaixo do platô, a névoa, vista do alto da Serra das Oliveiras, cobre a paisagem como um mar branco. Apesar disso, a casa de Ágata estava à vista. Uma casa solitária, cercada entre o lago e as montanhas. Agora, do alto, Gabriel percebe que o lago é como uma meia lua quando some atrás da montanha. Tem uma trilha tosca de cimento em volta do local, para caminhadas. Gabriel gosta do que vê.
- O lago é como um arco, Gabriel. Na sua parte mais larga, ele atravessa Vale das Sombras. Uma ponte foi construída para ligar as duas partes da cidade. Houve uma briga política em torno da construção, mas no fim foi erguida.
- Um lugar silencioso.
- Eu queria que você visse isto antes de partirmos amanhã cedo.
- Ágata?
A mulher que estava junto ao homem recostado na árvore agora estava junto deles.
- É você mesma, Ágata?!
Ágata suspirou.
- Sim sou eu. E você é?
- Sou eu, Lara. Nós frenquentamos juntos o antigo clube campestre. Que prazer em te ver de novo.
O homem da árvore se aproxima delas.
- Este é meu marido. Carlos, tu te lembras dela, Carlos?
- Claro. Você sumiu depois de...

Agora o homem fica com uma súbita expressão de quem falou demais e continua sem graça:
- Depois daquele dia.
Gabriel percebeu que a mulher fuzilou o marido com os olhos, depois ela voltou para Ágata com um sorriso terno.
- Nós já vamos, Ágata. É bom ver que você está bem. Espero que a gente se encontre novamente.
O casal se despediu educadamente e seguiu para uma trilha oposta àquela trilha em que eles subiram. Ágata não consegue disfarçar o mal-estar com o encontro com os antigos colegas.
- Melhor irmos embora, Gabriel.

***

Na manhã seguinte, Ágata está pensativa:
- Ele não mudou nada.
- Quem?
- O idiota que me abordou no restaurante, Gabriel. Eu já tinha até esquecido dele. Mas eu o reconheci quando a loira o chamou de Nicolai Belazel. Ele foi um colega distante na escola. Ele mereceu aquele "bobalhão" muito mais do que você imagina.
- Do jeito que ele foi atrevido, deve ser um figurão da cidade.
- Na verdade, o figurão é o irmão dele. Um médico famoso no mundo todo e dono do

hospital mais importante da região: Enzo Belazel.
Gabriel pega as malas, estavam prontos para partir. Ele se vira para a casa com os olhos já cheios de saudades.
- De volta a Brasília. Vamos voltar a ser candangos, Ágata. Nada mais de sotaques e gírias gaúchas ou mineiras.
Ele suspirou:
- Uma pena, acabou nosso feriado.
Era o fim do feriado de três dias. Ágata e Gabriel foram embora deixando a casa de campo para trás e uma promessa. Assim que pudessem estariam de volta.
Nunca mais eles voltaram juntos ao refúgio dela.

## Capítulo 4

## ANDRESSA BELAZEL

Andressa Belazel está preocupada. Vera não apareceu durante todo o feriado. Ela caminha pelo corredor que leva ao apartamento de Vera. Quando chega à porta, Andressa escuta uma criança chorando: é Oliver, o filho de seis anos de Vera. Ela toca a companhia. O menino para de chorar. Demorou, mas Vera respondeu com voz soturna:
- Quem é?
- Sou eu; Andressa. Você sumiu... Está tudo bem?
- Está...
Andressa Belazel percebe, é óbvio que tem algo errado.
- Então por que não abre a porta?
Andressa escuta a mãe mandando o filho ir para o quarto e ouve o clique da chave na parte de dentro do apartamento. Depois de alguns segundos, Vera grita para ela que a porta estava aberta. Quando Andressa entra, ela se assusta: Vera está sentada, com um olho roxo e os lábios inchados.
- Meu Deus! Isto não! Como ele se atreveu?!
- Por favor, Andressa. Não fale nada a ninguém... Ele perdeu a cabeça. A culpa foi minha... Ele foi humilhado no restaurante por minha causa.

Andressa Belazel está chocada. (Meu irmão é um covarde!), ela pensa abalada e e furiosa.
- Foi a primeira vez, Vera?
- Claro! Eu juro para você. Eu estou bem, Andressa. Por que não vai embora agora? Por favor, me deixe sozinha.
Andressa tem um olhar triste. Ela olha para Vera. Quem não a conhecia, podia tratá-la como uma loira burra e inconsequente, mas ela não é só isto. Andressa convive com ela desde a infância, especialmente a partir do início do "namoro" dela com Nicolai, ainda adolescentes no Colégio São Benedito. Andressa acompanhou a tristeza da amiga com a morte prematura dos pais em um acidente. Depois ela ficou só, com um mundo ameaçador pela frente. Vera imaginou que poderia ser modelo um dia e foi para Porto Alegre. Naturalmente com aquele corpo e bela como era, não faltaram canalhas interessados apenas em sexo fácil. Ela teve um filho. Lutou com todas as suas forças para obter sucesso na carreira, mas no fim cedeu: voltou para Vale das Sombras com o menino e se agarrou a Nicolai como em náufrago quando se agarra a uma tábua de salvação; e ele foi quem chegou a se sentir realmente atraída um dia. Ele paga tudo a ela, inclusive o aluguel daquele apartamento. Aquilo tinha um preço: Nicolai habitualmente a humilhava. Agora essa agressão.
- O que aconteceu?

- Nós fomos jantar em um restaurante "de beira de estrada", aqui nos limites da cidade, aquele em que ele sempre vai. Já saímos discutindo aqui de casa. No restaurante, ele arranjou confusão com um sujeito, o estranho não se intimidou. Como todo o restaurante, eu ouvi quando ele chamou Nicolai de "bobalhão".
Vera pega nas mãos de Andressa e continua:
- Nossa discussão por nada continuou aqui em casa.
Andressa agora percebe que aquilo era um desabafo.
- Sempre a mesma discussão entre nós dois sem sentido, Andressa... Nada que eu faço o agrada.
Andressa não fala nada. Ali e agora ela só escuta o desabafo da amiga.
- Aqui em casa, de novo no meio da briga, eu o mandei falar baixo. Oliver estava dormindo. Ele só disse: foda-se! Daí eu o chamei de "bobalhão" como o homem do restaurante o chamou. Ele perdeu a cabeça... Ficou fora de si. Foi só um soco no rosto. Eu virei e caí com o rosto no chão e machuquei os lábios.
Vera suspirou, seu desabafo acabou.
- Oliver viu a cena?
- Não.
- Não sei se isto termina por aqui, Vera.
Vera abre seus olhos assustados para Andressa.

- Não faça nada. Esqueça o que eu te contei.
Ela para subitamente e pensa. Depois continua:
- Além disso, faz pouco tempo, ele foi indiciado por Bárbara em uma delegacia de mulheres. Mais uma denúncia de agressão vai agravar muito a situação dele. Esqueça isso. Já passou. Foi só uma noite furiosa.
Andressa levantou. Deu as costas à Vera. Agora ela olha para o porta-retratos do casal em cima do rack da televisão. Nicolai Belazel está sorridente ao lado de Vera.
- Você está certa, Vera. Outra denúncia agora vai agravar ainda mais a situação do meu irmão.
Andressa lamenta aquilo tudo. Lembra-se de como as duas, ela e Vera, choravam quando viam aqueles filmes de romance trágicos, mas com finais felizes em sua juventude. Uma pena o pai dela, que era um gaúcho da gema, casado com uma catarinense mais brava ainda, não estar presente para ver o que Nicolai fez.
- Eu estou com meu carro lá embaixo. Vamos para minha casa. Oliver pode se divertir no jardim coberto enquanto a chuva não passa. Que tal?
Vera pareceu ficar em dúvida por alguns segundos. Andressa insiste:
- Vamos lá, Vera!
Então a bela loira mostrou um sorriso feliz com o convite:

- Então, vamos, Andressa. Vamos colocar uns filmes antigos e chorar como duas bobocas.

# PARTE 2

## UM ANO DEPOIS EM BRASÍLIA

### Capítulo 1

Estava chovendo em Brasília pela manhã. Gabriel sabe que tem uma decisão a tomar. Uma dolorosa escolha. Ele está mais à vontade ali do que em qualquer outro lugar. As persianas verticais ainda estão fechadas, o que dá à relativa escuridão, um "toque" de sofisticação ao amplo escritório do delegado federal, focado em perseguir assassinos em série. Ele olha a mesa à sua frente e fica triste, angustiado: dois anos de dedicação, trabalho duro e uma equipe de ouro. Uma verdadeira família. Do outro lado da balança: Ágata; a única mulher da sua vida. Ela apenas demonstra que aos poucos estava sendo derrotada pelas circunstâncias. Ele se lembra do que ouviu quando se encontrou com ela na noite passada depois da última viagem de semanas a trabalho e da tristeza dela quando falou:

*"Já sei, Gabriel. Outro trabalho vem por aí. Uma pena. Na Semana Santa vai fazer um ano que não voltamos ao nosso refúgio."*

Gabriel sabe que sua noiva, a sempre paciente e decidida Ágata, estava pronta para seguir com aquele relacionamento sem jogar a toalha. Mas agora ele não pode postergar mais: ou seu trabalho ou uma esposa. Os dois juntos não era algo possível e nem justo com

ela. Gabriel olha para a placa em cima de sua mesa. Lá estava escrito.
*"A vida de um homem é seu trabalho. "*
Ele sabe que a hora da decisão está chegando.

***

O garçom alinhado em seu uniforme branco se apressa em direção à mesa deles. Ágata observa tudo curiosa.
- Pois não, senhor.
- Eu estava pensando em homenagear minha noiva com uma canção de bossa nova. É possível?
O rapaz parece não entender...
- É possível colocar algo no som ambiente como Tom Jobim ou Vinicius de Moraes?
- Não, senhor... Sinto muito. A música para a noite toda já vem programada para som ambiente interno.
Ágata olha com um sorriso para o garçom e diz:
- Não se preocupe. O importante mesmo é que a comida está cem por cento.
O garçom se desculpa e se retira, precisando atender outra mesa.
Agora um silêncio curto se arrasta entre os dois. Ela parece estar sofrendo uma transformação em seu semblante:
- Meu Deus, Gabriel. Será que eles não têm nada mais alegre?
Ágata suspira e pega a mão de Gabriel:

- Nenhuma música é culpada, Gabriel. Ela é apenas um plano de fundo para minha tristeza. No fim, tudo isto tem a mesma origem, Gabriel. (A mesma origem, um dos males do século: depressão. Seria esse um sinal da chegada, em breve, dessa doença? A dor sem sentido e profunda com a causa camuflada na escuridão que é a mente?).
Aquilo não chegava a atrapalhar o relacionamento deles; não era habitual, chegava a ser rara, mas havia momentos em que Ágata Lorenze parecia cair em um mundo estranho e hostil, distante. Então ela se isola de todos. Gabriel continua sorrindo com as mãos dadas com ela. A conta chega com o garçom alinhado. Gabriel olha para o valor escrito na comanda de papel enfiada na pequena carteira de couro e engole seco. Ela se diverte:
- Sabe Gabriel, eu devia ficar constrangida numa hora desta. Afinal, a rica com hábitos caros aqui sou eu.
Ela dá um sorriso para ele:
- Mas eu gosto quando um cavalheiro paga a conta.
- Ágata Lorenze, a jovem advogada vitoriosa e feminista arrependida. Não importa. À noite ao seu lado sempre vale cada centavo.
No carro eles ficaram em silêncio, ela olhava para o teto do veículo como se os olhos buscassem algo. Depois de alguns segundos, ela deitou seu rosto no ombro dele. Ela pensa

se deveria chamá-lo para irem os dois ao seu "refúgio". Depois daquela primeira vez, nunca mais voltaram. Ela suspira e pensa: (Vencidos pelo trabalho).

***

Antes de conhecer sua noiva, Gabriel Dante não conseguia se imaginar sem o seu trabalho. Até Ágata Lorenze chegar a sua vida, sua profissão e trabalho eram a "amante" e o melhor "amigo". Nem mesmo o insuspeito companheirismo entre os membros de sua equipe supera sua interação com suas tarefas. Gabriel deu um longo suspiro. Agora olha para a foto em sua mesa: a estrela de prata que é o símbolo do departamento da polícia federal especializada em assassinatos em série, e que agora estava rodeada pelos integrantes da equipe de polícia. Os dois mais novos integrantes estão juntos, ao lado dele: Branco, o "valentão" do grupo, (Sempre dando trabalho, não é garanhão?). Agora ele sorri, olhando para a imagem da menina ao lado dele: Adelle. Apesar de ser a mais nova integrante da equipe com seu corpo delicado, um corpo de quase uma adolescente, ela se desenhava como líder natural de última hora na ausência dele. Uma máquina de trabalhar sozinha ou em conjunto com o resto da equipe. Adelle tinha um pouco da qualidade de cada um dos integrantes de seu time de

investigadores. Gabriel sorri divertido para si mesmo, ele se lembra do que disse à Adelle quando ela começou seu trabalho na Universidade de Brasília, disfarçada de estudante, a busca de um possível psicopata assassino no campus universitário:
*"Você anda muito só, Adelle. Enfiada em seu trabalho. Da próxima vez eu te arranjo um trabalho no ensino médio para ver se consegue arranjar um namorado. "*
- Nada é perfeito, - Gabriel falou sozinho olhando para a foto e lembrando que aquilo era uma espécie de lema para deles.
- A não ser nossa equipe trabalhando juntos.
O outro lado da balança. Ele se lembra de quando conheceu Ágata Lorenze, sua noiva, naquele bar Brasília. Já no segundo encontro eles perceberam algo forte entre os dois:
*"Para falar a verdade eu só vim aqui para te ver. Acredita nisto, Gabriel?"*
No primeiro fim de semana após se conhecerem, a conversa animada de uma noite de sábado foi avançado até que falaram sobre seus trabalhos. Ela advogada, ele policial:
*"Você não tem cara de advogada."*
*"Você tem cara de policial."*
*"Eu sou policial!"*
Ele esconde o sorriso e deixa suas lembranças.
(Eu tenho uma escolha a fazer. Fugir do problema não resolve nada. Meu trabalho ou Ágata Lorenze. Os dois juntos, não é possível

e nem é justo com ela.), ele pensou novamente. Lê mais uma vez a placa em sua mesa:
*"A vida de um homem é seu trabalho. "*
Ele pega uma caneta e uma folha de papel em branco.

***

Ágata abre a pequena carta, na verdade aquilo era mais um bilhete. Ágata sentiu que era algo importante. Primeiro a surpresa; depois a aflição e medo quando ela viu o anel de noivado dele dentro do pequeno envelope, então esperou pelo pior.
*"Ágata,*
*Às vezes nós temos escolhas difíceis a fazer, como um padre que tem que decidir entre sua vocação ou uma mulher pela quem ele se apaixonou. Assim sou eu: tenho uma escolha a fazer. Eu quero, eu posso, mas não devo ter você ao meu lado. Eu quero, mas não tenho o direito de passar meus dias viajando pelo país realizando investigações com uma esposa solitária e infeliz em casa..."*
Uma sensação dolorosa, uma decepção incontida foi tomando o peito de Ágata à medida em que ela foi entendendo que aquilo era uma despedida. Seus olhos ficam aguados enquanto ela lia o bilhete. (Acabou... O sonho de um marido, filhos, um lar com o homem que amava...), ela pensa anestesiada pela decepção.

*"Acabou. Adeus, Ágata"*
Ela termina de ler; a decepção era pesada. A tristeza tomou conta dela. Tinha lágrimas nos olhos. Agora ela olha pela janela de sua sala, o amplo apartamento tem talvez a mais bela vista noturna de Brasília: a lagoa do lado sul com suas margens iluminadas pela cidade. Naquela manhã, a paisagem nunca foi tão cinza para ela. Ela pensou na possibilidade de ir, solitária, até o seu refúgio no sul do país. Olhou para o bilhete. (Agora, ir para lá sozinha não é boa ideia). Ele foi embora, ela pensou sentindo agora uma súbita e forte revolta enquanto passava e repassava as palavras de Gabriel no bilhete. Então ela deu um longo suspiro olhando para o bilhete em sua mão.
- Apenas um bilhete, nada mais.
Ela falou para si mesma, melancólica.

## Capítulo 2

Com uma toalha sobre os ombros e um copo de uísque na mão, Gabriel observa, do seu flat, o eixo rodoviário de Brasília quase vazio. Ele não consegue dormir. Na tarde daquele dia, Ágata tinha recebido o bilhete dele.
- Nada mais que um bilhete... Agora eu me sinto tão vazio como aquelas avenidas ali em baixo, Ágata.
Ele sorri. Olha para o espelho a sua frente e ergue um brinde a sua imagem e fala para si mesmo:
- Você venceu, delegado federal. Antes eu só falava comigo mesmo em meu trabalho para manter o foco em minhas investigações. Agora, pela primeira vez, eu converso com ninguém sobre um assunto pessoal.
Ele balança a cabeça em um gesto negativo. (Você não tinha opção, delegado. Foi melhor para Ágata. Ela merece um marido ao seu lado... Um pai para os seus filhos. Um lar), ele pensa e suspira. Voltando a pensar nela, lembrou-se do primeiro e último feriado de semana santa que passaram juntos, em seu refúgio. Lembrou-se do que falou a ela:
*"... Eu sei que tenho um último trabalho, Ágata Lorenze. Eu sinto isto. O mais importante de toda a minha carreira profissional."*
São três horas da manhã. O celular interrompe seu momento de descanso. É a polícia federal. (É trabalho).

- Senhor Gabriel?
A escrivã fica momentaneamente muda, então diz:
- Bom, senhor. Sua noiva... Bem... É melhor o senhor ir até o apartamento dela.
- O que houve?
Novamente um silêncio tenso, até que ela diz:
- Uma ocorrência de suicídio.

***

Distraída, ela observa o parque municipal de Brasília à sua frente. Não era sempre que Adelle se sentia sozinha como estava se sentindo agora. Ela habitualmente trabalhava ou pensava no trabalho. Agora Adelle se lembra do último caso resolvido pela equipe da polícia federal: um homem pesado e desagradável que se divertia com suas vítimas sexuais. Jovens quase sempre filhas da pobreza endêmica do país, muitas delas menores de idade, e depois ele desovava seus corpos pelas serras do estado do Espírito Santo. Tinha uma maneira sinistra de liquidá-las: apenas uma facada. Depois ficava lá, observando elas morrerem "*enquanto elas choravam como crianças pedindo por suas mães* - segundo sua confissão". Ela teve certeza que ele era o assassino quando o carro dele, com ela, foi em direção aos limites da cidade. A menos de um quilômetro, um carro da polícia federal acompanhava a cena e ouvia o diálogo

entre os dois através de uma escuta escondida em sua blusa.
- Está tudo bem, querida.
Ele disse com uma voz terna.
- Não se preocupe.
Eles desceram do carro e andaram por alguns metros mata adentro. Então ele tirou a faca e a mostrou a ela com um sorriso sádico no rosto, e se aproximando dela, desabotoou suas calças sem pudor. Adelle se lembra da surpresa desesperada dele quando ela puxou a carteira da polícia federal, apontou sua arma para ele e falou com calma:
- Polícia. Você está preso.
O homem ficou ali, olhando para ela com a faca na mão. Estático, aflito, ele disse:
- Eu tenho mulher e filhos.
Adelle se lembra de que ele parecia disposto a qualquer coisa.
- Escute com atenção, senhor. Não se engane com minha aparência. Tem uma imagem em um quadro em um dos cantos da sala de trabalho na polícia federal. É um dinossauro diferente. Ele é bípede, como nós humanos. Vestido com uma elegância impecável, ele tem o rosto humano duas vezes maior do que de qualquer homem ou mulher. Tem uma boca projetada para frente. Uma boca enorme que rasga seu rosto de orelha a orelha. Nas suas costas tem uma membrana em forma de arco, sustentada por espinhos poderosos. Suas mãos têm garras afiadas de mais de vinte

centímetros de comprimento. Embaixo da imagem tem uma placa: "*Quando estiverem na frente de um psicopata com gosto pelo sangue, esqueçam o ser humano. Lembrem-se apenas do que ele é: o homem-dinossauro.*" É exatamente o que eu estou vendo agora à minha frente. Entendeu? Melhor largar a faca.
Apavorado, o homem não sabia o que fazer.
- Acha que não atiraria? Por que não tenta então? Garanto que é o melhor para sua família e eu simplesmente adoro finais felizes.
(Isso não foi nada profissional), ela pensou, mas o homem desistiu e largou a faca. Um minuto depois, o resto da equipe chegava e terminava de render o assassino. Ela abandonou seus pensamentos e lembranças quando seu celular tocou. Adelle atendeu o telefone e o homem do outro lado da linha apenas falou:
- Adelle, sou eu, Branco. Eu não tenho boas notícias... É sobre um suicídio. Eu estou falando da noiva de Gabriel.

***

Já no apartamento de Ágata, Adelle não se conformava:
- Meu Deus, Branco... Isto parece mesmo um suicídio... - Uma alarmada Adelle parecia não acreditar no que via.
- Como Ágata está?

- Muito mal; à beira da morte. Um verdadeiro milagre ela ter sido encontrada ainda com vida. Não se sabe quanto tempo o cérebro ficou sem oxigênio. Quando a corda rompeu, ela caiu desacordada e bateu com a cabeça no chão, resultando em um enorme edema cerebral. Os médicos a colocaram em coma induzido e esperam um especialista disponível para realizar uma cirurgia complicada. Uma chance em mil de ela sobreviver.
Adelle olha para cima do apartamento de Ágata Lorenze, com o laço no teto e o desenho de seu corpo jogado no chão. Branco olha para Adelle enquanto fala:
- O cenário indica que ela tentou se suicidar. A corda frágil não aguentou o peso dela e se rompeu. Quando caiu, já estava quase morta. O computador insiste em uma música repetidamente aqui na sala desde as nove horas da manhã, veja o tempo de reprodução aqui; provavelmente a hora de tentativa de suicídio.
- Será mesmo uma tentativa de suicídio?
- Nada indica um assalto ou algo assim. A porta não foi arrombada... Tudo parece estar em seu lugar.
Branco fica em silêncio por um segundo e continua:
- Ela sofria de depressão...
- E Gabriel?

Branco se lembra de quando Gabriel chegou ao local da cena frio como gelo e branco como cera, muito mal.
- Foi visível que ele não aceitou a versão de tentativa de suicídio. Então começou a trabalhar. Começou a procurar supostas pistas pelo apartamento que levassem a um improvável agressor. Alguns minutos depois, do nada, de repente, ele espreitou a cena como um predador mirando sua presa.
- Como assim, Branco?
- Este apartamento era tão íntimo para ele como era para ela. Foi visível que ele parecia estar focando em um objeto como se tivesse uma câmera fotográfica. Era como se um detalhe importante brilhasse aos olhos de Gabriel. Como se um inimigo terrível e camuflado se escondesse na sala. Ele se concentrava no cenário quando me disse distraído que tinha algo ali que não era do apartamento de sua noiva, algo "alienígena".
Adelle se concentra na cena. (O que será que Gabriel viu?).
Branco se recorda de quando logo depois Gabriel se virou para ele:
*"Ela tentou se matar? Você acha isto, Branco? Eu acho que não. "*
De volta a Adelle, Branco sai de suas lembranças. Balança a cabeça num gesto negativo olhando para o chão:
- Adelle, o primeiro pensamento de Gabriel quando viu a cena do suicídio de Ágata

Lorenze, foi sobre uma das regras mais importantes de uma investigação: não pode haver envolvimento pessoal entre a vítima e o investigador. Como policial, ele estaria fora do caso, assim ele escreveu e entregou sua carta de demissão; agora ele não é mais policial. Ele vai atrás do que acredita ser o criminoso que atacou a sua noiva e a deixou à beira da morte por conta própria.
Branco suspira, e continua com uma leve ironia nos olhos:
- Que ironia... No fim ele largou o trabalho dele por ela.
Adelle diz olhando fixamente a cena do crime:
- Ainda não, Branco. Se ele acha que foi uma tentativa de assassinato, Gabriel ainda tem um último trabalho. Aquele que tanto falou que estava à sua espera. O mais importante de todos: pegar o homem que colocou Ágata à beira da morte. Sinceramente, Branco, se ele estiver certo, quem fez isto vai se arrepender deste dia.

DANÇANDO COM A MORTE

*Seis meses depois*

Chile

DESERTO DE ATACAMA

Ele avalia sua talvez próxima vítima. A jovem tem cabelos castanhos escuros, curtos e olhos negros expressivos. (Ela é corajosa, sem dúvida), ele pensa. Assim que os dois sentaram de frente um para o outro, ele optou por um longo silêncio. Apenas olha para ela fixamente em seus olhos, esperando a reação da jovem. Ela não suporta o silêncio:
- Senhor, quando estiver pronto...
Ele faz um sinal de pare com as mãos para ela. Ela automaticamente obedece. Ele observa a jovem. (Ela é de fato corajosa), ele pensa admirado, (Mas agora ela não consegue disfarçar sua desconfortável aflição com meu longo silêncio). Ele sabe que é hora de acabar com a brincadeira de gato e rato. O homem alinhado se levanta, estende o braço a ela para um aperto de mãos. Clara retribui o gesto.
-Você sabe qual a origem deste cumprimento, o aperto de mão, Clara?
- Não faço a menor ideia, senhor.
Clara parece aliviada. Ele continua:
- Antigamente, no velho oeste americano, era uma forma de demonstrar que você estava desarmado.
Ela entende o recado como algo que dizia assim: não tenha medo. O homem bonito, com uma postura de atleta e sorriso confiante queria tranquilizá-la.
- Não sabia disso, senhor.

- Clara, por algumas horas, nesta sala, você será a pessoa mais íntima da minha vida. Por favor, nada de formalismo.
Ele repara que ela ainda não recuperou completamente o controle da situação depois do seu longo e ameaçador silêncio:
- Por que não esquece o "senhor"?
Ela suspira e olha nos olhos dele.
- Claro! Por que não? - ela diz ansiosa - Por onde começamos?
- Antes de qualquer coisa, eu quero parabenizá-la por sua presença aqui. Cheguei a duvidar disso.
Ela olha nele em silêncio. Ele continua:
- Uma futura jornalista brilhante, aqui sozinha comigo. Não deve ser fácil.
- A reportagem perfeita é uma chance de ouro para eu escrever um "Best Seller": a sua biografia.
- Seu primeiro sucesso... Tenho certeza disso, Clara. Mas não é apenas uma biografia ou algo assim. É um livro sobre como fui descoberto. O assassino em série mais procurado do Brasil, quase uma espécie de romance policial.
- Entendo.
- Como se sente, Clara? Está confortável?
Ela respira e olha ao redor da sala simples: uma mesa de madeira. Uma geladeira e um micro-ondas num dos cantos da sala. Duas cadeiras e uma pequena cômoda junto à única janela cercada por paredes simples e nuas que

deveriam ser brancas, mas agora estavam levemente amareladas pelo tempo. Tudo ali tem um toque melancólico. Parecia ter saído de uma pintura expressionista de Van Gogh em sua época depressiva. Clara responde a pergunta dele:
- Eu estou bem. Quando comecei com isso, imaginava um lugar exatamente assim. Uma cabana perdida em um lugar como este, um lugar a esmo. Sabia que no fim não seria como um quarto de um hotel cinco estrelas em Santiago.
Ele sorri para ela de forma leve e confiante, e ela gosta daquela amabilidade terna. Parece sincera. Ele se levanta e vai até a janela, observa a paisagem à sua frente. Ela se lembra de quando chegou. Uma noite profunda e silenciosa. Ela sentiu saudades do aeroporto barulhento de Santiago quando imaginou que aquela cidade era o destino final da sua viagem, mas era apenas o início. Clara apenas desabou sobre seu sono assim que entrou no pequeno quarto e ele fechou a porta atrás dela. Agora ela só sabe que está em algum ponto do Deserto de Atacama no Chile, sozinha com ele, um "serial killer". Ela pensa se devia perguntar onde exatamente estavam. (Melhor não). Continua em silêncio.
- Você me lembra de alguém, Clara.
Aflita, por um momento ela pensa se esse "alguém" seria uma das vítimas dele. Agora ele se diverte com o quase palpável estado de

alerta dela. (Bom! Mas o medo pode atrapalhar o nosso projeto), ele pensa. Puxa a sua cadeira e se senta próximo dela, olhando de lado para ela com um ar amável.
- Você lembra alguém, mas não pela sua aparência... São seus olhos... Expressivos como os de Vera, mas as coincidências param por aí. Vera era uma mulher fraca, interessada apenas em viver os prazeres da vida.
Ele a observa, quer saber se ela se mantém alerta:
- Obviamente você é dedicada ao seu trabalho e na busca de seu sucesso. Prova disto é sua presença aqui comigo, Clara.
Ela suspira:
- Desde o momento em que eu recebi seu convite eu decidi sobre isso.
Ela diz com uma real firmeza ao homem ao lado:
- Como eu já disse, é uma chance de ouro para minha carreira, senhor...
Clara se irrita com sua formalidade e se corrige:
- Escrever uma biografia junto ao próprio...
Ela vacila. Ele continua:
- Assassino? Não. Eu acho que podemos começar nosso livro daqui. Assassino não. Eu sou apenas o que sou, nasci assim. Cada uma das minhas vítimas foi a realização de um ato natural do meu ser. Eu me lembro de uma vez... Pobre irmã... O fato é que ela, um dia, me irritou tanto querendo participar comigo

de uma montagem de um modelo da miniatura de um jato de caça que eu...
Ele suspira e continua:
- Bom, no dia seguinte, ela chorava como uma criança mimada enquanto tinha seu cachorrinho morto em seu colo. Matar o animal não me deixou apenas feliz, mas saciado, algo como "matar a fome". A verdadeira satisfação, aquela que você sente quando come bem, por exemplo. Não posso me culpar por ser quem sou.
Ele se levanta e volta sua cadeira para frente dela, olha a moça. Fica por segundos em silêncio. (E se ele achar que eu não estou à altura de escrever o livro? Ou pior, se não gostar do livro?), ela pensa com um sorriso forçado para ele. Ele parece adivinhar seus pensamentos.
- Sobre o livro, tenho certeza que seu talento está à altura desse desafio.
- Estou ansiosa para começar o trabalho.
- Ótimo, Clara! Vamos começar pelo início do fim.
Ele se levanta e olha através da janela para o deserto.
- Tudo começou para terminar em Brasília, uma cidade diametralmente oposta a este cenário.

Agora ele tem um sorriso estranho para o nada:
- O último trabalho de Gabriel começou há seis meses.

# PARTE 3

## O CHAMADO DE VALE DAS SOMBRAS

No sonho, o cenario é solitário. Gabriel está com sua carta de demissão em sua mão. Ele entrega a carta a Ágata Lorenze e olha para a paisagem vazia. Gabriel sabe onde eles estão: na cidade natal dela. Tem uma placa lá: Cidade de Vale das Sombras. Tudo estava coberto pela névoa silenciosa. A sombra de Ágata está a alguns metros à sua frente. Ele fica alerta. Tem outra sombra ao lado dela. Algo que não é bom. Ele sente que ela tem medo daquilo. Gabriel não consegue identificar o que ou quem está ao lado dela. Está tudo fosco, deformado pela neblina. Ele não vê o obvio, fica aflito. Ágata está com a sombra ao lado sem ter como fugir e com medo. (Ela precisa de mim...). Ele se concentra na sombra ao lado de sua noiva. Em seu sonho, Ágata levanta os olhos para ele e diz:
*'Agora não é hora de lembranças tristes, Gabriel.'*

***

Assim que Gabriel acordou, sua mente de policial começou a trabalhar. Ele viu algo na cena do crime. Gabriel tinha certeza: ela não tinha se suicidado. Mas por que essa certeza? Seria algo como não aceitar os fatos como são por questões emocionais? Tudo indica que

tinha sido um suicídio. O motivo? A depressão? Ou o fim do noivado era o catalisador? Tudo tendo como gatilho um bilhete covarde que ele fez a ela. (Será que eu estou negando a realidade?).
- Não! Ágata não faria aquilo. Mas o que vi no apartamento dela que me dá certeza disto? Gabriel se lembrou - agora ele não fazia mais parte da polícia - mas ele ainda tinha um último trabalho a fazer. Resolve começar pela cidade natal de Ágata Lorenze. Não tem explicação para isso, parece que sonhou com isso na última noite...

**Adquira agora "Trilha dos Sonhos – Vale das Sombras" por apenas R$ 12,00!**

📚 Disponível em nossa loja oficial:
Link: https://www.editora-trilha-dos-sonhos.com/product-page/trilha-dos-sonhos-vale-das-sombras

🛒 Também à venda na Amazon:
https://a.co/d/1uo6GCs

📱 *Versão Kindle disponível!*